

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
NÚCLEO DE ENSINO SUPERIOR DE MANACAPURU
CURSO DE BACHAREL EM ARQUEOLOGIA**

JUCELIA OLIVEIRA DAMACENO

**O USO DAS PLANTAS E A CULTURA MATERIAL E IMATERIAL DOS
MORADORES DA COMUNIDADE RIBEIRINHA SANTA LUZIA EM
MANACAPURU-AM**

MANACAPURU – AMAZONAS

2017

JUCELIA OLIVEIRA DAMACENO

**O USO DAS PLANTAS E A CULTURA MATERIAL E IMATERIAL DOS
MORADORES DA COMUNIDADE RIBEIRINHA SANTA LUZIA EM
MANACAPURU-AM**

Monografia apresentada como pré –
requisitos para a conclusão do curso
de graduação em Arqueologia da
Universidade do Estado do
Amazonas.

Orientador: Msc. Crisvaldo Cássio
Silva de Souza

MANACAPURU – AMAZONAS

2017

JUCELIA OLIVEIRA DAMACENO

**O USO DAS PLANTAS E A CULTURA MATERIAL E IMATERIAL DOS
MORADORES DA COMUNIDADE RIBEIRINHA SANTA LUZIA EM
MANACAPURU-AM**

Monografia apresentada como pré –
requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Arqueologia da
Universidade do Estado do
Amazonas.

Aprovado em: / /

Banca Examinadora

Banca Examinadora

Banca Examinadora

RESUMO

Um dos objetivos da arqueologia é buscar por meio da aplicação de métodos arqueológicos, aos dados etnográficos estudar as sociedades vivas com o objetivo de entender e interpretar as tradições culturais, esta especialização da arqueologia conhecida como etnoarqueologia tem como objetivo observar as populações contemporâneas ágrafas ou pré – industriais, como sua cultura material é produzida e utilizada, como isso interfere no modo de vida da comunidade, incluindo, estrutura social, a organização política, a adaptação ao meio ambiente, os padrões de habitação e o manejo dos recursos naturais, e assim construir modelos socioculturais de ocupação humana para comparar com dados arqueológicos. O objetivo da pesquisa foi Identificar a relação do uso de espécies de plantas com a cultura material e imaterial dos moradores da comunidade ribeirinha Santa Luzia, no município de Manacapuru, Amazonas, utilizando as técnicas e as metodologias da disciplina etnobotânica para a coleta dos dados das plantas estudadas, uma pesquisa de grande importância uma vez busca contribui com informações relevantes não só dos aspectos benéficos das plantas, mas também do social e do cultural a qual estas estão inseridas.

Palavras – chave: Plantas. Etnoarqueologia. Cultura.

ABSTRACT

One of the objectives of archeology is to search through the application of archaeological methods to the ethnographic data studied living societies with the aim of understanding and interpreting these cultural traditions, this specialization of archeology known as ethnoarchaeology aims to observe contemporary populations of pre - industrial, how their material culture is produced and used, how this interferes with the way of life of the community, including, social structure, political organization, adaptation to the environment, housing standards and natural resource management, and thus build sociocultural models of human occupation to compare with archaeological data. The objective of the research was to identify the relationship between the use of plant species and the material and immaterial culture of the residents of the Santa Luzia riverside community, in the city of Manacapuru, Amazonas, using techniques and methodologies of the ethnobotanical discipline to collect data from studied, a research of great relevance once a search contributes with relevant information not only of the beneficial aspects of the plants, but also of the social and the cultural to which they are inserted.

Key words: Plants. Ethnoarchaeology. Culture.

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. OBJETIVOS.....	10
2.1 Objetivo Geral.....	10
2.2 Objetivos Específicos.....	11
3. MATERIAIS E MÉTODOS.....	11
3.1 Área de Estudo.....	11
3.2 Coleta de Dados.....	13
3.3 Análise de Dados.....	16
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	16
4.1 Cotidiano da Comunidade.....	16
4.2 Dados Quantitativos Botânicos e descrição das plantas.....	20
4.3 Dados Quantitativos Etnobotânicos.....	24
4.4 Construção das casas flutuantes.....	27
4.5 Cultivo das Plantas.....	32
5. CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
ANEXOS.....	43

1 INTRODUÇÃO

A palavra “Arqueologia” vem do grego *arkhaiología* (*arkaíos*, antigo; *logía*, discurso, tratado) que significa a “ciência ou estudo das coisas antigas”, esse termo surgiu no final do século XVI, e estava associado ao estudo das antiguidades clássicas ou dos monumentos pré-históricos dos países da Europa, entre esse século e o século XVIII surgiu a Sociedade de Antiquários, associações de eruditos para o estudo e a preservação das antiguidades nacionais (BARRETO, 2010).

No século XIX a Arqueologia era conhecida principalmente como o estudo dos objetos antigos e monumentos remanescentes da antiguidade Oriental e Grego-Romana ou das velhas edificações e ruínas que testemunhavam o passado dos diversos povos e nações, era uma arqueologia de visão evolucionista e bastante antropológica segundo Barreto, (2010).

Ainda de acordo com o autor foi apenas nas primeiras décadas do século XX, com o surgimento da escola Histórico – Cultural na Europa e nos EUA, que a arqueologia passa a ser considerada uma ciência com metodologia e teorias próprias, mas foi mesmo no começo dos anos 60, quando surgiu o movimento conhecido como “*New Archaeology*” a “Nova Arqueologia”, a qual procurava criar uma base epistemológica sólida, de teorias e metodologias científicas consistente para proporcionar o mesmo status das outras ciências, que a arqueologia despontou, considerada uma “Arqueologia Processual” ou “Processual – Funcionalista” ela enfatizava o caráter sistêmico das relações sociais, a busca de padrões transculturais de comportamentos e a importância da análise espacial no estudo dos sítios arqueológicos.

E finalmente a arqueologia atual conhecida como “Pós – Processual” ou “Arqueologia Contextual” a qual enfatiza os aspectos simbólicos dos artefatos e chama a atenção para as especificidades do contexto arqueológico

a qual são encontrados os vestígios (BARRETO, 2010). Resumindo “a arqueologia é a ciência que estuda as sociedades humanas passadas através de seus vestígios materiais” (BARRETO, 2010, p.16) ou pode ser ainda como relata Ribeiro (1977, p.14) uma “ciência que busca a reconstituição das tradições culturais extintas e tenta descobrir sua evolução ou decadência, expansão no tempo e no espaço e adaptações ao meio ambiente”.

Para entendemos o que são essas tradições culturais a qual cita Ribeiro (1977) é preciso entendemos o que realmente é cultura. De acordo com Feitosa (2006), para entender tal conceito de cultura é preciso identificar o que é natural, ou seja, o produto da natureza que existe independente da vontade e da ação humana, sabendo isso se estabelece que o conceito de cultura pode expressa, agricultura, culto a deuses, e cuidado com as crianças, pode se dizer assim que cultura e tudo que ocorre por intervenção humana no processo natural, como a língua, as técnicas, costumes, e valores, e um aperfeiçoamento intelectual. A cultura impõe à preservação de certos bens, que devem ter como características a referencia a ação, a identidade, e a memória de grupos formadores da sociedade, que podem ter natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto (FEITOSA, 2006).

A cultura material e imaterial como já citadas a cima representam a cultura de determinada sociedade, pois as mesmas possuem aspectos simbólicos, carregados de uma herança cultural, a qual pode promover um sentimento de identidade de determinados grupos (CULTURA¹, 2017). A cultura material esta associada a elementos concretos, as quais foram sendo criados ao longo do tempo, como as edificações, os objetos artísticos e cotidianos, a qual pode ser classificada como bens móveis: que podem ser transportados e reúnem os acervos e coleções; e os bens imóveis: que são estruturas fixas, como os centros históricos e os sítios arqueológicos. A cultura imaterial esta associada aos hábitos, os comportamentos e os costumes de determinado grupo, como as tradições, as práticas do saber fazer, as técnicas e as crenças (CULTURA, 2017).

¹ <https://www.todamateria.com.br/cultura-material-e-imaterial/>

Um dos objetivos da arqueologia é buscar por meio da aplicação de métodos arqueológicos aos dados etnográficos estuda as sociedades vivas com o objetivo de entender e interpretar essas tradições culturais, esta especialização da arqueologia conhecida como etnoarqueologia tem como objetivo observa as populações contemporâneas ágrafas ou pré – industriais, como sua cultura material é produzida e utilizada, como isso interfere no modo de vida da comunidade, incluindo, estrutura social, a organização política, a adaptação ao meio ambiente, os padrões de habitação e o manejo dos recursos naturais, e assim construir modelos socioculturais de ocupação humana para comparar com dados arqueológicos (BARRETO, 2010).

Métodos etnográficos foram utilizados na pesquisa realizada na comunidade ribeirinha Santa Luzia no Município de Manacapuru, a qual através das informações dos moradores com relação a seus usos e costumes na utilização de plantas medicinais, alimentícias, e daquelas utilizadas em construções, adornos e decorações, procurou-se fazer essa associação do uso de espécies de plantas com a cultura material e imaterial desses moradores.

A pesquisa ainda utilizou as técnicas e as metodologias da disciplina etnobotânica para coletar os dados das plantas estudadas, essa parceria entre a botânica e a arqueologia também já vem ganhando grande espaço nas pesquisas arqueológicas, essa ligação entre as duas disciplina surgiu quando arqueólogos começaram a utiliza métodos botânicos, para complementar informação em pesquisas arqueológicas.

Por ser uma disciplina interdisciplinar a arqueobotânica, trabalha também com outras áreas do conhecimento, o que permite que a mesma aborde e responda perguntas relacionadas, á reconstituição da paleovergetação, interpretação dos modos de vida dos grupos pré-históricos, recursos ambientais disponíveis, influência das populações sobre o meio, migrações, dieta e tipo de habitat (FÉLIX, 2014), informações de suprema importância para estudos arqueológicos.

O uso das plantas para suprir as necessidades do homem, vem sendo desenvolvido desde tempos primórdios, métodos desenvolvido em varias

civilizações e em todos os continentes (BARRACA, 1999). E apesar desse apelo pelo moderno e industrial, tal prática ainda é muito comum atualmente, principalmente por comunidades tradicionais e rurais, o que vem resultando, um grande interesse em elaborar pesquisas voltadas para essa área.

No Brasil, estas pesquisas estavam ocorrendo com o objetivo de fundamentar cientificamente, a utilização de plantas como recursos terapêuticos. Na década de 80 esses estudos se concentravam em Instituições de Ensino Superior (IES), onde grupos realizavam pesquisas voltadas para as áreas da botânica, agronomia, química, farmacológica e tecnologia farmacêutica, o que favoreceu uma geração de conhecimentos e a formação de recursos humanos essenciais para as IES, através do programa de pesquisa de plantas medicinais (SIMÕES, SHENKEL 2002).

As informações geradas por tais pesquisas, segundo RADOMSKI (2003), podem redefinir ou aperfeiçoar o uso popular, desenvolvendo preparados terapêuticos de baixo custo; ou auxiliar nas pesquisas que pretendem o isolamento de substâncias ativas passíveis de patenteamento, o que de acordo com ele pode trazer resultados negativos para as populações originalmente detentoras do saber tradicional, uma vez que muitas destas populações não têm acesso aos medicamentos gerados a partir da informação prestada, e também pela perda de espécies vegetal devido à grande exploração da fauna.

Outros dois pontos negativos são definidos por ALMASSY (2004), para esses estudos; o primeiro, é a ameaça gerada ao conhecimento tradicional sobre as plantas, uma vez que experimentos serão realizados para saber a eficácia, e os benefícios da planta, fugindo completamente da característica desse saber, que é a falta de intenção de ser adequado a normas de sistematização, estando apto para auto-correção, diária e difusa.

O segundo, é a generalização feita a estes conhecimentos, por pesquisadores que não levam em consideração, que cada agrupamento social possui concepções próprias a cerca da origem das doenças, do conceito de saúde, e das formas de tratamento e de cura. Ponto que também é salientado por ROMAN e SANTOS (2006) quando mencionam que se deve ter um

cuidado com questões metodológicas, pois muitas tendem a apresentar uma relação pontual de plantas úteis, não se preocupando com a identificação social e aspectos culturais específicos de cada local.

Assim novas pesquisas vêm se desenvolvendo nos últimos anos, voltadas mais para o âmbito da preservação das plantas, o resgate e a valorização dos saberes populares. Trabalhos como os de ALMASSY, 2004; ROMAN; SANTOS, 2006; BRASILEIRO *et al.*, 2008; e ROCHA, 2014; apontam como é importante trabalhar a valorização do saber tradicional junto à comunidade, visto que o mesmo vem sofrendo para sobreviver e se reproduzir não só pelos pontos elencados acima, mas também por falta de uma estrutura de compartilhamento de informação, ou até mesmo a perda de interesse em adquirir tal conhecimento pelos indivíduos da comunidade.

O uso das plantas por essas comunidades ocorre não só como um recurso terapêutico, mas também religioso, por exemplo, em terreiros de umbanda, onde é comum o uso de certas ervas e suas partes, como as raízes, os caules, as flores e as folhas em seus rituais (MEIRA, 2013), como opções de alimento, repelentes, artesanato, construções e balizadores de rio (ROCHA, 2014).

Sabendo que o uso dessas plantas envolve muito mais do que o seu consumo e uso, e englobam uma série de técnicas simbólicas, de valores sociais e culturais, de acordo com cada comunidade (SILVA, 2014). A pesquisa a ser desenvolvida mostra-se de grande importância, uma vez que buscara através de uma abordagem etnoarquelógica, identificar a relação entre o uso das plantas e a cultura material e imaterial dos moradores da comunidade Santa Luzia no município de Manacapuru, estado do Amazonas, e assim contribui com informações relevantes não só dos aspectos benéficos das plantas, mas também do social e do cultural a qual estas estão inseridas.

2 OBJETIVO

2.1 Objetivo Geral

Identificar a relação do uso de espécies de plantas com a cultura material e imaterial dos moradores da comunidade ribeirinha Santa Luzia, no município de Manacapuru, Amazonas;

2.2 Objetivos Específicos

- Discriminar as espécies botânicas utilizadas na comunidade ribeirinha Santa Luzia, no município de Manacapuru, AM;
- Descrever as partes morfológicas das plantas utilizadas na comunidade ribeirinha Santa Luzia, no município de Manacapuru, AM;
- Especificar as categorias de uso (preparo, dosagem e indicação) das espécies vegetais utilizadas na comunidade ribeirinha Santa Luzia, no município de Manacapuru, AM;
- Descrever a origem e as metodologias usadas no cultivo de plantas pelos moradores da comunidade ribeirinha Santa Luzia, no município de Manacapuru, AM;
- Identificar os possíveis objetos que apresentem simbolismo ou que sejam devidamente importantes nas atividades relacionadas ao manuseio e utilização das plantas pelos moradores da comunidade ribeirinha Santa Luzia, no município de Manacapuru, AM;

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Área de Estudo

A pesquisa foi realizada no município de Manacapuru, Estado do Amazonas na comunidade ribeirinha Santa Luzia, localizada na margem esquerda do rio Solimões, CEP 69.400-000, a comunidade faz parte da associação comunitária flutuante Santa Luzia da Boca do Maracati, cadastrada em 02 de outubro de 2008, e conta com a participação de mais de 22 famílias, tendo como subsistência e/ou fonte de renda a prática de pesca e atividades madeireiras, contando também com auxílios de benefícios sociais,

como bolsa família e seguro defeso (CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA – CNPJ, 2017) (Figura 1).



Figura 1: A e B Comunidade Santa Luzia. Autor: Cássio Souza, Agosto, 2017.

3.2 Coleta de Dados

Os dados da pesquisa foram coletados nas pesquisas de campo realizadas nos meses, de julho á setembro de 2017, na comunidade ribeirinha Santa Luzia. As pesquisas se realizaram principalmente aos fins de semana, uma vez que isso possibilitou entrevistar um maior grupo de pessoas, de todas as faixas etárias, (PÓVOA; DIAS; FARINHA, 2012) como as mulheres donas de casa, os idosos e os homens que trabalham fora da comunidade.

Foram recolhidas autorizações do uso dos dados levantados durante o trabalho de campo, através das assinaturas nos Termos de Anuência Prévia (TAP), pelos líderes da comunidade, e dos moradores/interlocutores da mesma, adaptado de Rocha, 2014. Para as informações socioeconômicas, sobre as plantas utilizadas, e a origem do conhecimento sobre as categorias de uso das plantas, realizou-se entrevistas semi – estruturadas (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010), com uma abordagem em forma de diálogo, seguindo um roteiro básico e informal, que possibilitou uma maior flexibilidade entre o entrevistado e o entrevistador (NEGRELLE & FORNAZZARI, 2007) (figura 2).





Figura 2: A, B, C – Entrevistas com moradores da comunidade Santa Luzia. Autor: Cássio Souza, Agosto, 2017.

Os informantes foram encontrados através de indicações, sendo o primeiro através da liderança local (GANDOLFO & HANAZAKI, 2011), assim foi desenvolvida a técnica Bola de Neve (Snow Ball), a qual o morador entrevistado indica o próximo para a entrevista (BAILEY, 1994).

Foram realizadas ainda turnês guiadas (figura 3) com os participantes das entrevistas (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010), onde foi possível fazer a descrição da origem e as metodologias usadas no cultivo dessas plantas, através de métodos da etnobotânica, uma ciência que abriga objetivos, conceitos e metodologia de disciplinas como a antropologia, a etnografia, a história, a botânica e a farmacologia, para entender o uso e a gestão que as pessoas fazem das plantas (PÓVOA; DIAS; FARINHA, 2012). Assim como também foi possível identificar os possíveis objetos que apresentam simbolismos ou que sejam devidamente importantes para o manuseio e a utilização das plantas pelos moradores, através de técnicas etnoarqueológicas, onde aplicamos métodos arqueológicos aos dados etnográficos, e assim através de estudos das sociedades vivas interpretamos os registros arqueológicos (BARRETO, 2010).



Figura 3: A e B - Turnês guiadas com os participantes das entrevistas.
Autor: Cássio Souza, Agosto, 2017.

Com a intenção de discriminar as espécies de plantas utilizadas pela comunidade foram levantadas informações que abordem o nome popular das espécies utilizadas, assim como seu nome científico e suas características morfológicas, as quais foram identificadas e descritas, conforme ilustradas nos livros de Botânica – Organografia (Quadro sinóticos ilustrados de fanerógamos) de VIDAL & VIDAL (2006), e de Morfologia Vegetal (Organografia e Dicionário Ilustrado de morfologia de plantas vasculares) de GONÇALVES & LORENZI (2007), a qual descreve morfologia vegetal como o ramo da botânica que estuda a estrutura, a forma das plantas e suas partes, dando nomes e descrevendo as características das mesmas.

Para uma melhor delimitação da área estudada utilizou-se como ferramenta o uso de fotografias, assim como também foi feito o uso do diário de campo, a qual nos possibilitara registra os acontecimentos, as percepções e conclusões, a cerca das pessoas e informações a qual teremos contato, o gravador também foi de grande relevância uma vez que tal instrumento possibilita registra os diálogos com muito mais precisão, sem muitas interrupções (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010).

3.3 Análise de Dados

Os dados coletados durante a pesquisa de campo foram inseridos em tabela Excel, seguindo as categorias de data, local, casa, informante, sexo, nome vulgar, nome científico, família da planta, indicação, uso, posologia, partes utilizadas, forma de uso, forma de plantar/obter e observações. Este método contribuiu, para uma melhor interpretação dos dados coletados, assim como também possibilitou elabora novas tabelas, e gráficos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Cotidiano da comunidade

Na comunidade flutuante Santa Luzia há 22 moradias que estão distribuídas á margem esquerda do rio Solimões, as casas flutuantes (figura 4) são construídas de madeiras retiradas das plantas resgatadas dos rios, compradas na serraria local, ou retiradas da própria mata pelos moradores da comunidade.





Figura 4: A, B,e C - as casas flutuantes da comunidade. Autor: Cássio Souza, Agosto, 2017.

Os moradores da comunidade Santa Luzia tem como subsistência a prática de pesca e atividades madeireiras. Geralmente na época da cheia, quando o nível dos rios está elevado os homens saem de casa pela madrugada para pesca voltando apenas na hora do almoço ou à tarde, em alguns casos, eles vão pescar em lugares distantes da comunidade podendo até passar de semanas sem vir em casa, às mulheres na maioria dos casos ficam em casa cuidando das crianças, dos afazeres da casa, e das plantas.

Na época da seca quando o nível do rio está baixo, os homens e algumas mulheres da comunidade se dedicam a pesca dos peixes “lisos” como, por exemplo, o surubim *Sorubimichthys planiceps*² da família dos *Pimolidal*, esse tipo de pesca é praticada principalmente no começo da noite ou pela madrugada. Nessa época os moradores também aproveitam para serra as possíveis árvores que tenham sido resgatadas durante a descida do rio (Figura 5).

² WWW.clubedapescaria.com.br/peixe/surubim



Figura 5: A – Tronco de árvores prontas para serem serradas. Autor Cássio Souza, Agosto, 2017. B – local de serrar os troncos de árvores e madeiras já serradas. Autor: Jucelia Damaceno, Setembro, 2017.

A comunidade não tem um posto de saúde e nenhum agente comunitário próprio, os moradores recebem apoio dos agentes comunitários, enfermeiros e médicos do posto de saúde do Bairro terra preta³, os mesmos fazem algumas visitas periódicas apenas para tratar as enfermidades básicas, nos casos de doenças mais graves os moradores são encaminhados para o hospital da cidade.

A comunidade também não possui escola, as crianças estudam nas escolas da comunidade próxima ou nas da cidade, neste último caso o governo estabelece um barco para levar os estudantes desta e de outras comunidades próximas até o porto da cidade, e levar-los de volta as comunidades. Os moradores possuem luz elétrica, mas não tem o benefício da água encanada, tendo que se desloca ate as comunidades mais próximas que tenham esse benefício para poder abastecer seus recipientes, por ser esta uma atividade bastante dificultosa alguns moradores acabam preferindo consumir a água do próprio rio.

Os moradores entrevistados na grande maioria são cadastrados como pescadores artesanatal pela colônia de pescadores Z9⁴ da cidade, a qual os possibilita de receber auxílios de benefícios sociais, como bolsa família e seguro defeso.

4.2 Dados quantitativos Botânicos e descrição das plantas

Foram identificadas 82 espécies de plantas citadas pelos moradores da comunidade durante a entrevista, como pode ser observado na tabela 1.

Tabela 1: Tabela com a descrição das plantas.

Nome vulgar	Nome científico	Familia planta	Indicação
Oleo eletrico	<i>Piper calosum</i>	<i>Piper calosum</i>	Medicinal
Capim Santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	<i>Poaceae</i>	Alimenticia
Goiaba	<i>Psidium guajava</i>	<i>Myrtaceae</i>	Alimenticia

³ Bairro da cidade de Manacapuru-AM.

⁴ Colônia de pescadores Z9 da cidade de Manacapuru - AM

Coerama	<i>Bryophyllum pinnatum</i>	<i>Crassulaceae</i>	Medicinal
Pimenta	<i>Capsicum</i>	<i>Solanaceae</i>	Alimenticia
Maniva	<i>Manihot esculenta</i>	<i>Euphorbiaceae</i>	Alimenticia
Louro de Praia	<i>Laurus nobilis</i>	<i>Lauraceae</i>	Construção
Louro gapó	<i>Laurus nobilis</i>	<i>Lauraceae</i>	Construção
Louro amarelo	<i>Laurus nobilis</i>	<i>Lauraceae</i>	Construção
Malvarisco	<i>Althaea officinalis</i>	<i>Malvaviscus</i>	Medicinal
Magarataia	<i>Zingiber officinale</i>	<i>Zingiberaceae</i>	Medicinal
Jambu	<i>Acmella oleracea</i>	<i>Asteraceae</i>	Medicinal
Cedro	<i>Cedrus</i>	<i>Pinaceae</i>	Construção
Maçaranduba	<i>Manilkara huberi</i>	<i>Lauraceae</i>	Construção
louro preto	<i>Laurus nobilis</i>	<i>Lauraceae</i>	Construção
Jacareuba	<i>Calophyllum brasiliensis</i>	<i>Colophyllaceae</i>	Construção
Tento	<i>Adenanthera pavonina</i>	<i>Fabaceae</i>	Construção
Arapari	<i>Maclobium acaciaefolium</i>	<i>Caesalpiniaceae</i>	Construção
Assacu	<i>Hura Crepitans</i>	<i>Euforbiáceas</i>	Construção
Munguba	<i>Monguba</i>	<i>Malvaceae</i>	Construção
Mamuí	<i>Jaracatía spinosa</i>	<i>Caricaceae</i>	Construção
João Mirim	<i>Tecoma stans</i>	<i>Bignoniaceae</i>	Medicinal
Amor Crescida	<i>Portulaca pilosa L.</i>	<i>Portulacaceae</i>	Medicinal
Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i>	<i>Alliaceae</i>	Alimenticia
Pião roxo	<i>Jatropha mollissima</i>	<i>Euphorbiaceae</i>	Medicinal
Jambu	<i>Acmella oleracea</i>	<i>Asteraceae</i>	Medicinal
Rosas	<i>Rosa</i>	<i>Rosaceae</i>	Decorativa
Pimenta	<i>Capsicum</i>	<i>Solanaceae</i>	Alimenticia
Nome vulgar	Nome científico	Familia planta	Indicação
Cuminho	<i>Cuminum cyminum</i>	<i>Apiaceae</i>	Alimenticia
Chicoria	<i>Cichorium intybus</i>	<i>Compositae</i>	Alimenticia
	<i>Portulaca grandiflora</i>	<i>Portulacaceae</i>	Decorativa
Taxi	<i>Sclerolobium paniculatum</i>	<i>Fabaceae</i>	Construção
Arapari	<i>Maclobium acaciaefolium</i>	<i>Caesalpiniaceae</i>	Construção
Louro	<i>Laurus nobilis</i>	<i>Lauraceae</i>	Construção
Castanheira	<i>Castanea sativa</i>	<i>Fagaceae</i>	Construção
Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i>	<i>Alliaceae</i>	Alimenticia
Capim Santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	<i>Poaceae</i>	Alimenticia
Cipo alho	<i>Cipura allium</i>	<i>Liliaceae</i>	Medicinal
Coerama	<i>Bryophyllum pinnatum</i>	<i>Crassulaceae</i>	Medicinal
Vinagre	<i>Rumex acetosella</i>	<i>Polygonaceae</i>	Medicinal
Hortelanzinho	<i>Mentha spicata</i>	<i>Lamiaceae</i>	Medicinal
Malvarisco	<i>Althaea officinalis</i>	<i>Malvaviscus</i>	Medicinal
Mangericão	<i>Ocimum basilicm</i>	<i>Lamiaceae</i>	Medicinal
	<i>Euonymus Japonicus Aureus</i>	<i>Celastraceae</i>	Decorativa
	<i>Euonymus Japonicus Aureus</i>	<i>Celastraceae</i>	Decorativa

Rosas	<i>Rosa</i>	<i>Rosaceae</i>	Decorativa
	<i>Zantedeschia aethiopica</i>	<i>Araceae</i>	Decorativa
Miratinga	<i>Mogno</i>	<i>Meliaceae</i>	Construção
Taxi	<i>Sclerolobium paniculatum</i>	<i>Fabaceae</i>	Construção
Mucuracaá	<i>Petiveria alliacean L.</i>	<i>Phytolaccaceae</i>	Medicinal
Jambu	<i>Acmella oleracea</i>	<i>Asteraceae</i>	Medicinal
Anador	<i>Justicia pectoralis</i>	<i>Acanthaceae</i>	Medicinal
Malvarisco	<i>Althaea officinalis</i>	<i>Malvaviscus</i>	Medicinal
Tomate	<i>Solanum lycopersicum</i>	<i>Solanaceae</i>	Alimenticia
Alfavaca	<i>Ocimum basilicm</i>	<i>Lamiaceae</i>	Medicinal
Capeba	<i>Piper umbellatum</i>	<i>Piperaceae</i>	Medicinal
Boldo	<i>Peumus boldus</i>	<i>Monimiaceae</i>	Medicinal
Mucuracaá	<i>Petiveria alliacean L.</i>	<i>Phytolaccaceae</i>	Medicinal
Alfavaca	<i>Ocimum basilicm</i>	<i>Lamiaceae</i>	Medicinal
Chicoria	<i>Cichorium intybus</i>	<i>Compositae</i>	Alimenticia
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i>	<i>Cucurbitaceae</i>	Alimenticia
Cravo	<i>Syzygium aromaticum</i>	<i>Myrtaceae</i>	Medicinal
Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i>	<i>Amaranthaceae</i>	Medicinal
Capim Santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	<i>Poaceae</i>	Alimenticia
Trevo Roxo	<i>Trifolium</i>	<i>Fabaceae</i>	Medicinal
Pimenta Doce	<i>Capsicum</i>	<i>Solanaceae</i>	Alimenticia
Jambu	<i>Acmella oleracea</i>	<i>Asteraceae</i>	Medicinal
Macela	<i>Achyrocline satuireioides</i>	<i>Asteraceae</i>	Medicinal
Alecrim	<i>Portulaca pilosa L.</i>	<i>Portulacaceae</i>	Medicinal
Vassorinha	<i>Baccharis dracunculifolia</i>	<i>Asteraceae</i>	Medicinal
Taxi	<i>Sclerolobium paniculatum</i>	<i>Fabaceae</i>	Construção
Caramuri	<i>Dipteryx odorata</i>	<i>Fabaceae</i>	Construção
Nome vulgar	Nome científico	Familia planta	Indicação
Assacu	<i>Hura Crepitans</i>	<i>Euforbiáceas</i>	Construção
Piranheira	<i>Piranhea</i>	<i>Picrodendraceae</i>	Construção
Maçaranduba	<i>Manilkara huberi</i>	<i>Lauraceae</i>	Construção
Louro Chumbo	<i>Laurus nobilis</i>	<i>Lauraceae</i>	Construção
Munguba	<i>Pachira aquatica</i>	<i>Bombacaceae</i>	Construção
Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i>	<i>Alliaceae</i>	Alimenticia
Boldo	<i>Peumus boldus</i>	<i>Monimiaceae</i>	Medicinal
Mucuracaá	<i>Petiveria alliacean L.</i>	<i>Phytolaccaceae</i>	Medicinal
Couve	<i>Brassica Sylvestris</i>	<i>Brassicaceae</i>	Alimenticia
Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i>	<i>Alliaceae</i>	Alimenticia
Chicoria	<i>Cichorium intybus</i>	<i>Compositae</i>	Alimenticia
Tomate	<i>Solanum lycopersicum</i>	<i>Solanaceae</i>	Alimenticia
Hortelanzinho	<i>Mentha spicata</i>	<i>Lamiaceae</i>	Medicinal
Manjeriço	<i>Ocimum basilicm</i>	<i>Lamiaceae</i>	Medicinal
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	<i>Rutáceas</i>	Medicinal

Sabugueiro	<i>Sambucus nigra L.</i>	<i>Adoxaceae</i>	Medicinal
Trevo Roxo	<i>Trifolium</i>	<i>Fabaceae</i>	Medicinal
Oleo eletrico	<i>Piper calosum</i>	<i>Piper calosum</i>	Medicinal
Anador	<i>Justicia pectoralis</i>	<i>Acanthaceae</i>	Medicinal
Vick	<i>Justicia pectoralis</i>	<i>Acanthaceae</i>	Medicinal
Mutuquinha	<i>Justicia pectoralis</i>	<i>Acanthaceae</i>	Medicinal
Cipo alho	<i>Cipura allium</i>	<i>Liliaceae</i>	Medicinal
Mujugome	<i>Talinum panicutum</i>	<i>Talinaceae</i>	Alimenticia
Capim Santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	<i>Poaceae</i>	Alimenticia
Mamão	<i>Carica Papaya</i>	<i>Caricaceae</i>	Alimenticia
Pião roxo	<i>Jatropha mollissima</i>	<i>Euphorbiaceae</i>	Medicinal
Urtiga	<i>Urtiga</i>	<i>Urticaceae</i>	Medicinal
Alfavaca	<i>Ocimum basilicm</i>	<i>Lamiaceae</i>	Medicinal
Jacareuba	<i>Calophyllum brasiliensis Cambess</i>	<i>Calophyllaceae</i>	Construção
Assacu	<i>Hura Crepitans</i>	<i>Euforbiáceas</i>	Construção
Malvarisco	<i>Althaea officinalis</i>	<i>Malvaviscus</i>	Medicinal
Saratudo	<i>Justicia calycina</i>	<i>Acanthaceae</i>	Medicinal
Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i>	<i>Alliaceae</i>	Alimenticia
Cravo	<i>Syzygium aromaticum</i>	<i>Myrtaceae</i>	Medicinal
Mujugome	<i>Talinum panicutum</i>	<i>Talinaceae</i>	Medicinal
Saratudo	<i>Justicia calycina</i>	<i>Acanthaceae</i>	Medicinal
Manjeriço	<i>Ocimum basilicm</i>	<i>Lamiaceae</i>	Medicinal
Hortelanzinho	<i>Mentha spicata</i>	<i>Lamiaceae</i>	Medicinal
Louro	<i>Laurus nobilis</i>	<i>Lauraceae</i>	Construção
Garuba	<i>Euphorbia tirucalli</i>		Construção
Assacu	<i>Hura Crepitans</i>	<i>Euforbiáceas</i>	Construção
Pião roxo	<i>Jatropha mollissima</i>	<i>Euphorbiaceae</i>	Medicinal
Alfavaca	<i>Ocimum basilicm</i>	<i>Lamiaceae</i>	Medicinal
Hortelanzinho	<i>Mentha spicata</i>	<i>Lamiaceae</i>	Medicinal
Nome vulgar	Nome científico	Familia planta	Indicação
Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i>	<i>Alliaceae</i>	Alimenticia
Couve	<i>Brassica Sylvestris</i>	<i>Brassicaceae</i>	Alimenticia
Pimenta Doce	<i>Capsicum</i>	<i>Solanaceae</i>	Alimenticia
Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	<i>Rutáceas</i>	Medicinal
Louro	<i>Laurus nobilis</i>	<i>Lauraceae</i>	Construção
Jacareuba	<i>Calophyllum brasiliensis Cambess</i>	<i>Calophyllaceae</i>	Construção
Assacu	<i>Hura Crepitans</i>	<i>Euforbiáceas</i>	Construção
Couve	<i>Brassica Sylvestris</i>	<i>Brassicaceae</i>	Alimenticia
Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i>	<i>Alliaceae</i>	Alimenticia
Chicoria	<i>Cichorium intybus</i>	<i>Compositae</i>	Alimenticia
Tomate	<i>Solanum lycopersicum</i>	<i>Solanaceae</i>	Alimenticia
Hortelanzinho	<i>Mentha spicata</i>	<i>Lamiaceae</i>	Medicinal
Manjeriço	<i>Ocimum basilicm</i>	<i>Lamiaceae</i>	Medicinal

Arruda	<i>Ruta graveolens</i>	<i>Rutáceas</i>	Medicinal
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra L.</i>	<i>Adoxaceae</i>	Medicinal
Trevo Roxo	<i>Trifolium</i>	<i>Fabaceae</i>	Medicinal
Oleo eletrico	<i>Piper calosum</i>	<i>Pipericalosum</i>	Medicinal
Anador	<i>Justicia pectoralis</i>	<i>Acanthaceae</i>	Medicinal
Vick	<i>Justicia pectoralis</i>	<i>Acanthaceae</i>	Medicinal
Mutuquinha	<i>Justicia pectoralis</i>	<i>Acanthaceae</i>	Medicinal
Cipo alho	<i>Cipura allium</i>	<i>Liliaceae</i>	Medicinal
Coerama	<i>Bryophyllum pinnatum</i>	<i>Crassulaceae</i>	Medicinal
Capim Santo	<i>Dysphania ambrosioides</i>	<i>Amaranthaceae</i>	Alimenticia
Jambu	<i>Acmella oleracea</i>	<i>Asteraceae</i>	Medicinal
Cebolinha	<i>Allium schoenoprasum</i>	<i>Alliaceae</i>	Alimenticia
Castanheira	<i>Castanea sativa</i>	<i>Fagaceae</i>	Construção
Assacu	<i>Hura Crepitans</i>	<i>Euforbiáceas</i>	Construção

4.3 Dados quantitativos Etnobotânicos

As espécies de plantas mais citadas pelos moradores foram o “assacu” *Hura Crepitans*, o “Louro” *Laurus nobilis*, a “cebolinha” *Allium schoenoprasum*, o “mangericão” *Ocimum basilicm*, e o “anador” *Justicia pectoralis*, como mostra o gráfico 1 e 2.

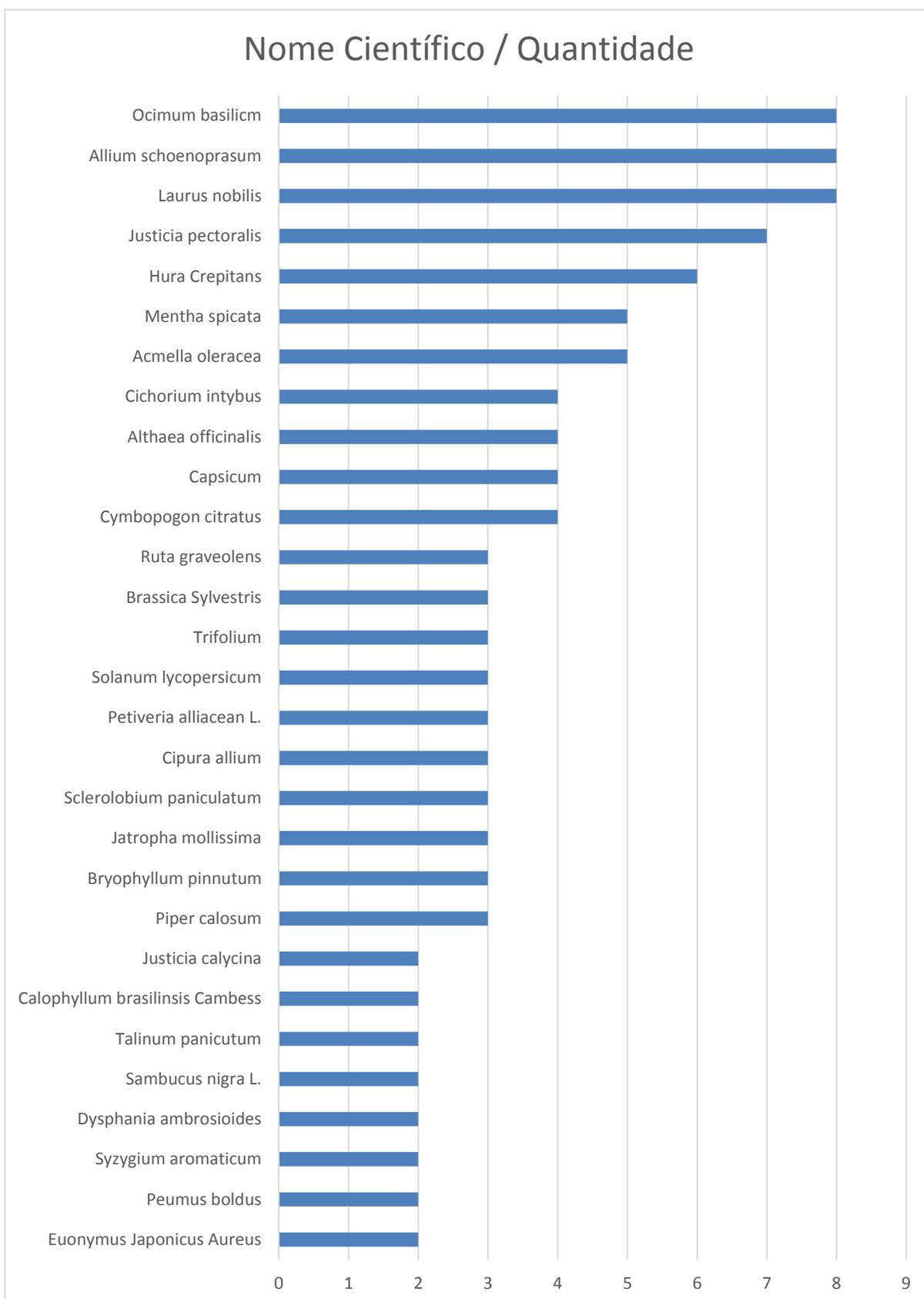
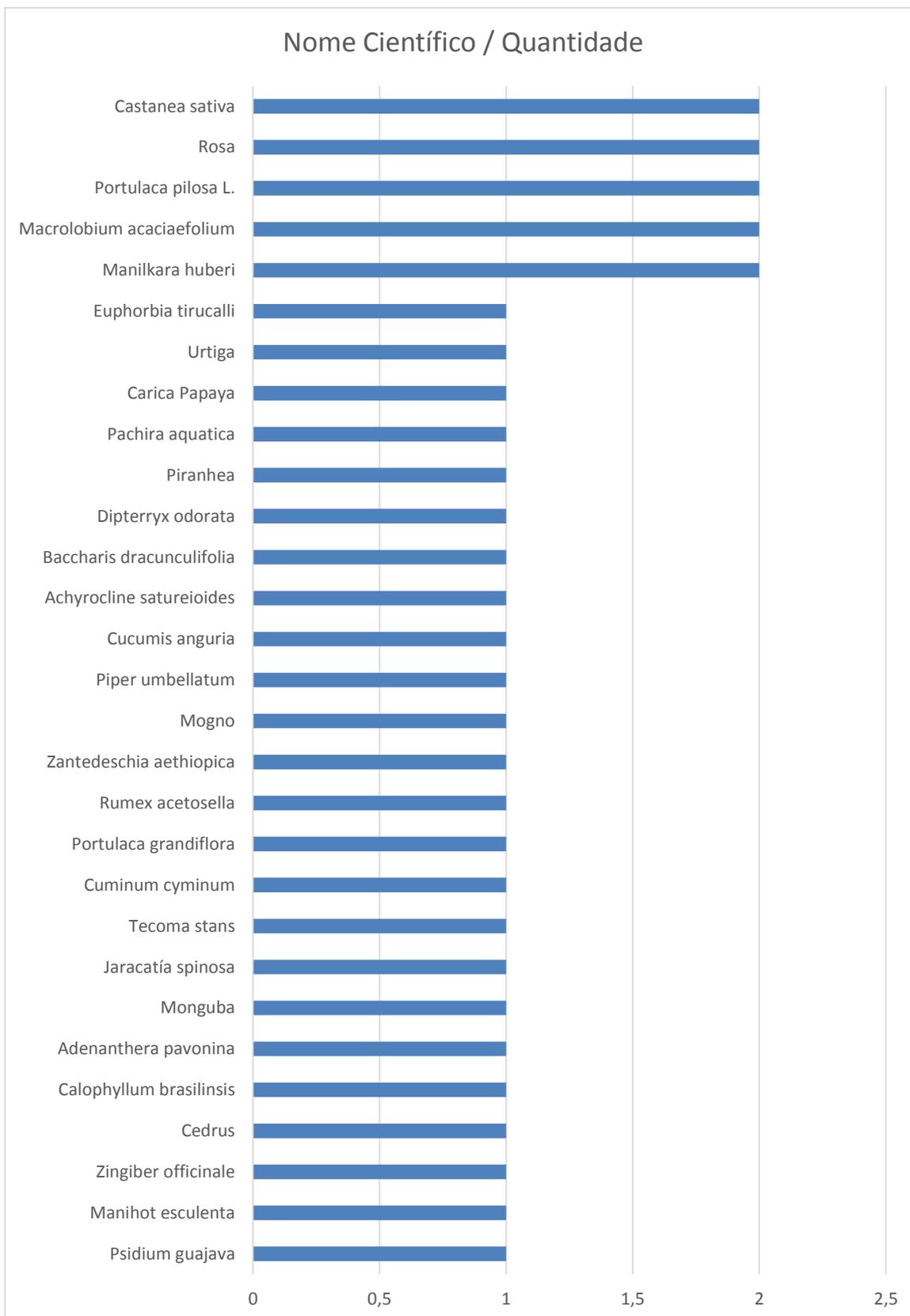
Gráfico 1: espécies de plantas citadas pelos moradores.

Gráfico 2: espécies de plantas citadas pelos moradores.

4.4 Construções das casas flutuantes

Os primeiros agrupamentos humanos foram à margem dos rios, uma vez que assim como o fogo, a água era o elemento essencial para a sobrevivência do homem primitivo, já que a mesma servia para o abastecimento, proporcionava uma maior defesa, ajudava na economia e nas vias de transporte e religião dos grupos (SIQUEIRA, 2011). Ainda é possível observar essa prática sendo desenvolvida atualmente por alguns grupos conhecidos como ribeirinhos, como é o caso da comunidade flutuante Santa Luzia.

Essa comunidade localizada a margem esquerda do rio Solimões, tem como característica marcante suas casas flutuantes. Segundo Siqueira (2011), o flutuante seria uma casa adaptada para bóia sobre as águas, onde teríamos um edifício abrigado em cima de uma plataforma, com o intuito de servir apenas para moradia, e que não possui propulsão própria.

Na comunidade Santa Luzia essas casas seguem um determinado padrão, são construídas de madeiras com telhados de alumínio ou zinco e ficam flutuando a margem do rio (Figura 6).





Figura 6: A e B as casas flutuantes da comunidade. Autor: Cássio Souza, Agosto, 2017.

As bóias são geralmente feitas do tronco da árvore do “assacu”⁵ *Hura crepitans* L. da família das Euforbiáceas, usualmente essa árvore cresce de 25 a 30 metros de altura, mais pode atingir até 40 metros em lugares favoráveis, mede cerca de 0,80 a 1,80 metros de diâmetro, pode ser considerada leve, de retratibilidade e resistência mecânica baixas, sua Coloração é branco-suja ou creme, podendo exibir listras pardacentas, sua superfície é brilhante e áspera.

A base do flutuante, é feita das madeiras serradas (figura 7) dos troncos das arvores, essas podem chegar a uma grande variedade de espécies como a “Jacareúba” *Calophyllum brasilinsis* Cambess, o “Louro” *Laurus nobilis*, a “castanheira” *Castanea sativa*, o “Taxi” *Sclerolobium paniculatum*, o “Caramuri” *Dipteryx odorata*, e a “Piranheira” *Piranhea*. Essa base é composta por vários

⁵ [Http://www.remade.com.br/madeiras-brasileiras-e-exoticas/açacu](http://www.remade.com.br/madeiras-brasileiras-e-exoticas/açacu)

tipos de madeiras como as vigas, que são pranchas utilizadas para manter as ligações entre as bóias da casa, os travessões que servem para manter as tabuas do assoalho, da parede, e também da cobertura do flutuante.



Figura 7: A – madeiras serradas. Autor: Jucelia Damaceno, setembro, 2017. B – estrutura interna do flutuante. Autor: Cássio Souza, Agosto, 2017.

Essas madeiras também são utilizadas em outras construções desenvolvidas pelos moradores da comunidade como as canoas, embarcações construídas para a navegação própria e a comercialização, os canteiros de plantas, e até pequenas casas para as crianças brincarem (Figura 8).



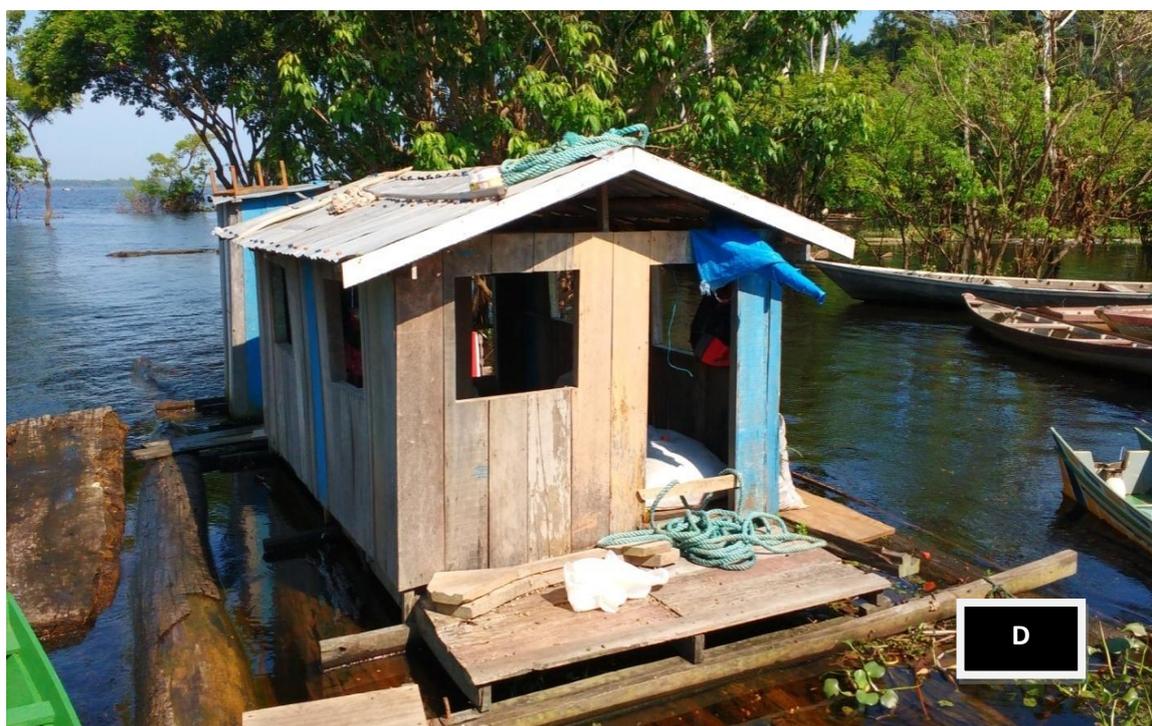
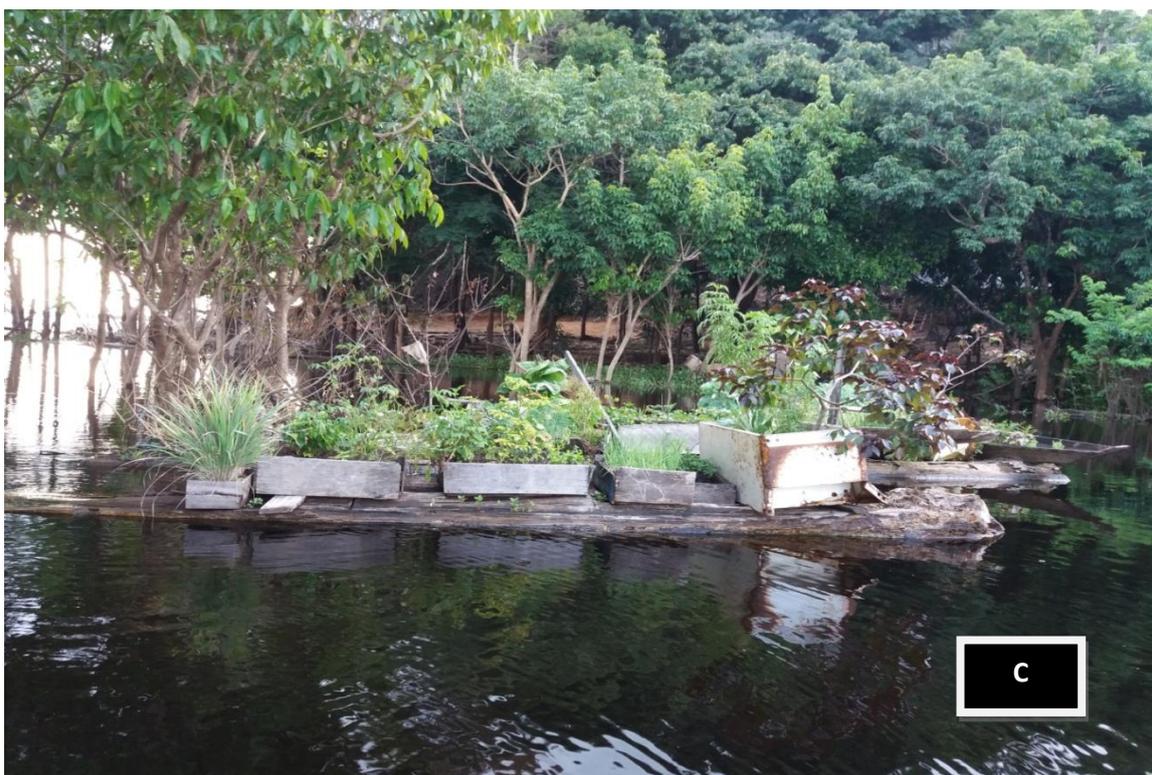


Figura 8: A e B – Construção de canoas; C – Canteiros; e D – Pequena casa de brincar. Autor: Cássio Souza, Agosto, 2017.

Segundo os moradores entrevistados a maioria das espécies de plantas utilizadas nessas construções é resgatada do rio, são árvores que sofreram algum tipo de fenômeno natural como, por exemplo, os desbarrancamentos, e foram arrancadas do seu lugar de origem, e acabaram descendo o rio. Há também em poucos casos o uso de madeiras compradas na serraria local, ou retiradas da própria mata.

Como já foi citada antes essa prática de residir em moradias flutuantes não são de hoje, são de tempos imemoriais, e se deu em varias civilizações, o que mostra que o homem vem transmitindo essa técnica verbalmente de geração em geração (SIQUEIRA, 2011), e que esse método de se apropriar e criar com o que a natureza oferece só mostra como o homem pode criar e desenvolver processos altamente criativos e eficazes de relação com a natureza, assim como construir um processo cultural totalmente discordante dos princípios dominantes (LOUREIRO, 2010 *Apud* SIQUEIRA, 2011).

4.5 O cultivo das plantas

O método de usar plantas medicinais vem se perpetuando ao longo do tempo, e teve seu início nas antigas civilizações, estudos arqueológicos encontraram vestígios dessas plantas relacionados com práticas ritualísticas e medicinais (MEDICINA, 2017; SILVA, 2014), mas o que nos deixa admirados é que essa prática se deu em todas as civilizações, e em todos os continentes, e têm se mantido viva durante milênios (BARRACA, 1999), levando-nos a acreditar que tal conhecimento faz parte do sistema cognitivo das populações humanas (SILVA, 2014).

De acordo com Duarte (2006), o primeiro registro histórico da utilização de plantas para o tratamento de doenças, data de 2.100 a.C a 4.000 a.C, são registros conservados no Museu da Pensilvânia. As plantas medicinais também foram descritas nas escrituras sagradas⁶, e no papiro de Ébers, encontrado

⁶Fazendo referência a Bíblia Católica, livro de Eclesiástico 38:4 que diz: “O Senhor fez a terra produzir os medicamentos: o homem sensato não os despreza.” (BÍBLIA, 1990).

próximo a casa mortuária de Ramsés II, retomando a época da XVIII Dinastia, no Egito, a qual faz 811 prescrições e descreve 700 drogas (VILELA, 1977).

No Brasil o uso de plantas como remédio foi descrito pela primeira vez, no Tratado Descritivo do Brasil, em 1587, tendo por autor Gabriel Soares de Souza, esse tratado descrevia as plantas medicinais utilizadas pelos nativos como “as árvores e ervas da virtude” (VEIGA, 2002).

Atualmente 80% da população mundial, ainda fazem uso desse método tradicional (FIRMO, 2011),

Assim, as plantas medicinais que no passado representavam o principal meio terapêutico conhecidos, continuam sendo empregadas tanto de forma direta no tratamento de males quanto como matéria prima de medicamentos utilizados na medicina moderna. (BARBOSA *et al.*,2015).

No Brasil, assim como em 2/3 da população mundial o que mais influencia na manutenção desta pratica são o baixo nível de vida da população e o alto custo dos medicamentos industriais (GEACOMELLI, 2011). Mas em outros casos o uso desses recursos está relacionado á tradição e a cultura como ocorrem em grupos étnicos e rurais, ou como muitos chamam nas comunidades tradicionais.

Na Comunidade flutuante Santa Luzia o uso das plantas pelos moradores se dar por esse dois motivos como pode se observar no relato do morador entrevistado, senhor Raimundo, de 80 anos, morador há 30 anos e também coordenador da comunidade, segundo ele seus pais eram pescadores do “rio Purus” e também faziam uso das plantas no seu dia a dia, como relata “fui criado vendo meus pais usarem as plantas”, e ele mesmo continua com essas pratica até os dias atuais, diz ele que “muitos não acreditam” nos benefícios que os “remédios da terra” têm, mas que mesmo assim sempre aparece alguém querendo aprender alguma receita para as “mazelas”.

Ele assim como os outros moradores entrevistado relata que muitas das receitas e os métodos utilizados no uso dessas plantas foram ensinados pelos pais ou avós, e que ele faz uso delas sempre que preciso uma vez que há de

acordo com ele a dificuldade no atendimento hospitalar da região, ou até por insegurança em usar remédios industrializados, já que em suas palavras são “remédios variados”.

Assim ele e os outros moradores da comunidade cultivam várias espécies de plantas medicinais, ornamentais e alimentícias, como o Couve “*Brassica Sylvestris*”, a Cebolinha “*Allium schoenoprasum*”, a Chicória “*Cichorium intybus*”, e o Tomate “*Solanum lycopersicum*”, para seu consumo, em lugares chamados canteiros que podem ser desde pequenas caixas feitas de madeiras e vaso plásticos, que podem ser depositado em espaços do próprio flutuante, ou até pequenas balsas geralmente feitas com pequenas bóias de assacu, vigas e ripas, onde são depositadas caixas de madeira, vasos plástico, e canoas que não servem mais para o uso da navegação (Figura 9).



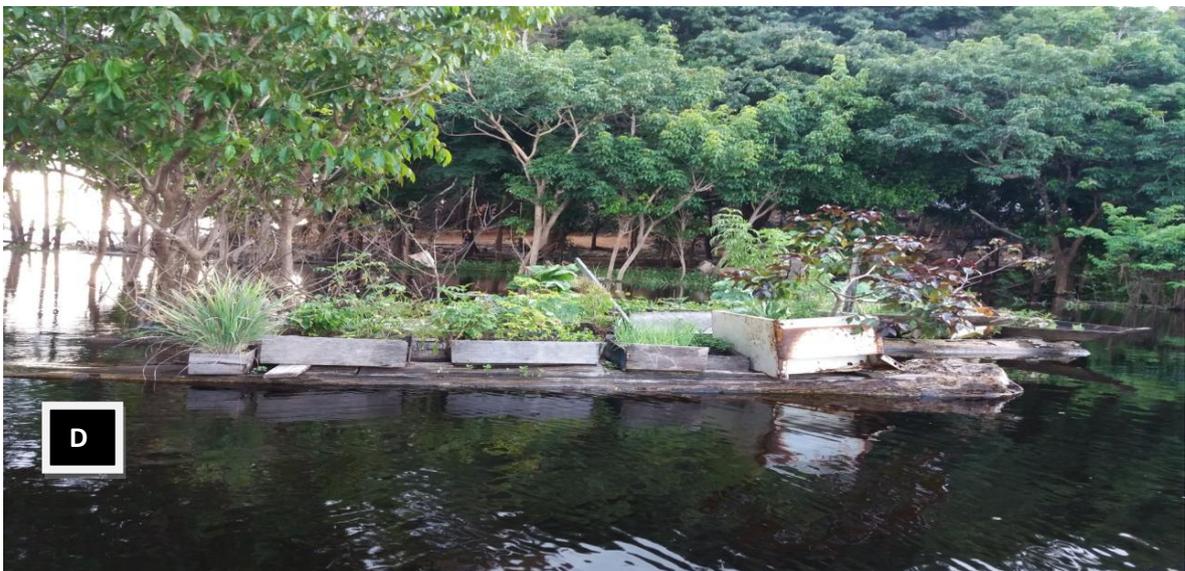




Figura 9: A, B, C, D e E Os modelos de canteiros. Autor: Cássio Souza, Agosto, 2017.

Segundo outra moradora da comunidade a senhora Maria Santos, de 68 anos, relata que esse método de cultivo das plantas ela só viu e aprendeu quando chegou à comunidade, segundo a mesma ela veio do Acre, e onde morava só cultivavam as plantas em caixas feitas em madeiras implantadas na terra.

Em alguns canteiros da comunidade foi observado que os mesmos tinham pequenas estacas de madeira e que nas extremidades destas encontravam-se apoiadas cascas de ovos de galinha, quando questionada sobre tal procedimento fomos informados que essa técnica, servia para que as plantas não pegassem “mau olhado” e assim poder crescer bonita e boa para o consumo (figura 10).



Figura 10: Canteiros da comunidade com casca de ovos. Autor: Jucelia Damaceno, Agosto, 2017.

Os moradores da comunidade também relatam que fazem uso de algumas partes do corpo de animais em conjunto com as plantas em suas receitas medicinais, como a ponta da língua queimada da aruanã (peixe), e em outras as fezes queimadas do jacaré. Essa relação animal mais planta é muito claro, uma vez que se pode observa nos canteiros ainda restos de ossos de algumas espécies animais, como por exemplo, uma cabeça de jacaré, e tracajá (Figura 11) observada secando no local, quando questionada sobre tal procedimento a moradora entrevistada, nos relatou que seriam retirados os dentes para a fabricação de colares e pulseiras, segundo ela tais ornamentos servem para a proteção do individuo que o usa, uma vez que protege de “mau olhados”.



Figura 11: Cabeça de jacaré no canteiro. Autor: Jucelia Damaceno, Setembro, 2017.

5 CONCLUSÃO

O objetivo dessa pesquisa foi Identificar a relação do uso de espécies de plantas com a cultura material e imaterial dos moradores da comunidade ribeirinha Santa Luzia, no município de Manacapuru, Amazonas, desta maneira foram realizadas aplicação de métodos arqueológicos aos dados etnográficos, assim como também foi utilizado métodos da botânica para a coleta dos dados das plantas estudadas. Durante as análise dos dados chegamos à conclusão que os moradores da comunidade têm uma grande afinidade com a natureza, e que sabem se apropriar e criar com o que ela oferece, e assim desenvolver processos criativos e culturais, observou - se também que tanto o método do uso das plantas nas construções das casas flutuantes, como nas receitas medicinais e alimentícias, e até no modo de cultivar das mesmas, seguem um padrão, vem sendo repassada de geração em geração, o que nos mostrar uma tradição cultural sendo desenvolvida.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albuquerque, U.P.de, Cunha, L.V.F.C. da. & Cunha, L.V.F.C.da. 2010. Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. (Coleção Estudos e Avanços). Recife, PE: NUPEA. 559 p.

ALMASSY, A. A. J. **Análise das características etnobotânicas na comunidade de luras nova, ouro preto - MG.** 2004. F 147. (Pos - Graduação em Fitotecnia) - Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2004.

Bailey, K. 1994. Methods of social research. 4 ed. New York: The Free Press.

BARBOSA, Monica de M. *et al.* Plantas Medicinais: cultivando o saber popular e a autonomia. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, n. 9, 2015, Ceará: **Cadenos de agroecologia**, 2015, v. 10, p. 1- 5.

BARRACA, Sergio Antônio. **Relatório do estagio supervisionado produção vegetal II: manejo e produção de plantas medicinais e aromáticas.** São Paulo: Piracicaba, 1999.

BARRETO.M.V.Abordando o passado; uma Introdução a arqueologia. Belém - Paca - tatu, 2010.

BRASILEIRO, B. G. *etal.*, Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no “programa da saúde da família” Governado Valares, Minas gerais. **Revista Brasileira de ciência farmacêutica**, Minas Gerais, v.44, n.4, p.630 – 636, out./dez.2008.

CNPJ – Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica: Banco de Dados. Acesso em setembro, de 2017.

CULTURA: Banco de Dados. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/cultura-material-e-imaterial/> acesso: em setembro, de 2017.

FÉLIX, G. M. B. **Arqueobotânica: uma revisão bibliográfica integrativa**. 2014. 71 F. Monografia (Graduação em arqueologia) - Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Porto Velho, Rondônia, 2014.

FIRMO, W.da.C.A.*et al.* Contexto histórico, uso popular e concepções científicas sobre plantas medicinais. **Cardeno de pesquisa**, São Luís, v.18, n. especial, p.90 – 95, dez. 2011.

Gandolfo, E.S. & Hanazaki, N. 2011. Etnobotânica e urbanização: conhecimento e utilização de plantas de restinga pela comunidade nativa do distrito do Campeche (Florianópolis, SC). *Acta Botanica Brasilica* 25(1): 168-177.

GONÇALVES, E.G.; LORENZI, H. **Morfologia Vegetal, Organografia E Dicionário Ilustrado de Morfologia de Plantas Vasculares**. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2007.

MEDICINA Interativa. Disponível em: <[HTTP:WWW.manu.com.br/medicina-interativa/fitoterapia/historico](http://WWW.manu.com.br/medicina-interativa/fitoterapia/historico)>. Acesso em: 03 de fev. 2017 às 15:08 h.

MEIRA, C. S. Plantas do Axé e sua Fundamentação Religiosa: Um estudo de caso no terreiro de Umbanda “Caboclo Boiadeiro”. 2013.130F. Dissertação (Mestre em Ciências Ambientais). Itapetinga, 2013.

Negrelle, R.R.B. & Fornazzari, K.R.C. 2007. Estudo etnobotânico em duas comunidades rurais (Limeira e Ribeirão Grande) de Guaratuba (Paraná, Brasil). *Rev. Bras. Pl. Med., Botucatu*, v.9, n.2, p.36-54. ISSN 1516-0572.

PÓVOA, O. NOÉMIA, F. DIAS, S.S. Levantamento Etnobotânico sobre Coentro no Alentejo. In: SEMINÁRIO DE I&DT, 3º, 2012, Porto Alegre.

RADOMSKI, M. I. plantas medicinais: tradição e ciência. In: SEMANA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO, n.1, 2003, Brasília: EMBRAPA, 2003. P. 1 – 8

RADOMSKI, M. I. plantas medicinais: tradição e ciência. In: SEMANA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO, n.1, 2003, Brasília: EMBRAPA, 2003. P. 1 – 8

ROCHA, T. T. **Levantamento etnobotânico de plantas utilizadas pelas comunidades da reserva extrativistas marinha de sobre, Pará, Brasil.** 2014. 80 f. (Pos - Graduação em Ciências Ambientais) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2014.

ROMAN, A. L. C; SANTOS, J. U. M. A importância das plantas medicinais para a comunidade pesqueira de algodão. **Ciências Naturais**, Belém, v. 1, n.1, p. 69-80, jan/abr. 2006.

SILVA, C. A. Revisão de literatura. *In*:_____ **a reprodução de vidas em sítios arqueológicos na Amazônia.** Manaus: Edua, 2014. Cap.1, p. 17 – 55.

sim- interativa/fitoterapia/historico>. Acesso em: 03 de fev. 2007 às 15:08 h.

SIMÕES, C. M. O; SHENKEL, E. P. A. pesquisa e a produção brasileira de medicamentos a partir de plantas medicinais: a necessária interação da indústria com a academia. **Revista Brasileira de Forma Cognosia.** V.12, n.1, p. 35-40, 2002.

SIQUEIRA. N.I.C.O. **Casa Vitoria Regia: Habitação Popular, Flutuante e Sustentavel.** 2011. 46 F. Monografia (Graduação em arquiteto e Urbanista) - Faculdade Interamericana de porto. Porto Velho, Rondônia, 2011.

VEIGA JVF; PINTO AC. *Química Nova* 2002, 25, 273

VIDAL, W.N.; VIDAL, M.R.R. **Botânica Organografia**, 4^a ed., 16^a Reimp., Viçosa: UFV, 2012.

VILELA, J. D. *Ver.Paul.Méd.* 1977, 89, 115.

ANEXOS

TERMO DE ANUÊNCIA PRÉVIA PARA A REALIZAÇÃO DO ESTUDO

1) **Objetivo do estudo**

Identificar a relação do uso de espécies de plantas com a cultura material e imaterial dos moradores da comunidade ribeirinha Santa Luzia, no município de Manacapuru, Amazonas.

2) **Porque esse estudo é importante**

Sabendo que o uso dessas plantas por comunidades tradicionais e rurais envolve muito mais do que o seu consumo, e englobam uma série de técnicas simbólicas, de valores sociais e culturais, de acordo com cada comunidade (SILVA, 2014). A pesquisa a ser desenvolvida mostra-se de grande relevância, uma vez que visa, através de uma abordagem etnoarqueológica, identificar a relação entre o uso das plantas e a cultura material e imaterial dos moradores da comunidade Santa Luzia no município de Manacapuru, estado do Amazonas, e assim contribuir com informações importantes não só dos aspectos benéficos das plantas, como também do meio social e cultural a qual estas estão inseridas.

3) **O que se estudará?**

A pesquisa propõe estudar: a relação do uso de espécies de plantas com a cultura material e imaterial dos moradores da comunidade ribeirinha Santa Luzia, no município de Manacapuru, AM.

4) **Na forma como se estudará**

A partir da autorização da pesquisa pela comunidade através da assinatura deste termo de Anuência Prévia, e entrevistas com os moradores da comunidade, realizando ainda turnês guiadas quando for possível. O material utilizado será fotografias, imagens de satélites, diário de campo e gravador.

5) O período de estudo e os locais de estudo

A pesquisa será realizada no município de Manacapuru, estado do Amazonas na comunidade ribeirinha Santa Luzia, localizada a margem esquerda do rio Solimões, nos meses de julho à setembro de 2017.

6) A equipe de Trabalho

NOME	FORMAÇÃO/INSTITUIÇÃO
Crisvaldo Cássio Silva de Souza	Mestre em Ciências Biológicas/Botânica tropical – UFRA/MPEG
Jucelia Oliveira Damaceno	Graduanda de Bacharel em Arqueologia – UEA

7) Dos resultados e de sua divulgação

O projeto não é financiado por nenhuma instituição.

8) Do retorno a comunidade

A presente pesquisa não visa fins lucrativos. No entanto, havendo trabalhos futuros no que tange à assuntos aqui abordados, a comunidade deverá ser beneficiada.

9) Dos impactos negativos

Não haverá impactos negativos para a comunidade com a presente pesquisa, uma vez que serão respeitadas as formas locais de organização do cotidiano.

10) Dados para contatos

Docente: Msc. Crisvaldo Cássio Silva de Souza – Orientador

CV: [Http://lattes.cnpq.br/7211726946515448](http://lattes.cnpq.br/7211726946515448)

Contatos: +55 (91) 98215-7005,(92) 98160-0621,(92) 99140-9084

Discente: Jucelia Oliveira Damaceno

UEA/Universidade do Estado do Amazonas. R. Raimundo Pecheco Teles, Nº 625, Aparecida. CEP: 69400-000 – Manacapuru – AM. E-mail: juceliad93@gmail.com fone: (92) 994951746

11) Considerações finais

De acordo com o termo, atestamos que concordamos com a realização do estudo acima proposto e que foi garantido nosso direito de recusar o acesso aos conhecimentos tradicionais associado ao patrimônio cultural durante o processo de obtenção da Anuência Prévia.

Manacapuru – AM 12 de Agosto de 2017.

Leidiane dos Santos Freitas

Representante da comunidade

RG: 3013204-5

CPF: 703.314.742-20